



Territórios, mobilidade e biografia no espiritismo franco-brasileiro

Territories, mobility and biography in French-Brazilian spiritism

Gismair Martins Teixeira*

Resumo: O presente artigo pretende apresentar um estudo sobre a territorialidade do espiritismo franco-brasileiro. O conceito de territorialidade adotado para este trabalho é o elaborado pelos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Em ambos os autores, a territorialidade aparece como um vetor de fluxo do conceito de rizoma, que é basilar na estruturação de conteúdo desta obra. Inerente à ideia de territorialidade é a noção de mobilidade. Neste trabalho, esses marcadores conceituais serão aplicados ao estudo de caso em torno da trajetória do médium Divaldo Pereira Franco, representativa figura do espiritismo franco-brasileiro, cujos dados biográficos servirão de análise da mobilidade territorial do espiritismo codificado na França por Allan Kardec.

Palavras-chave: Territórios. Espiritismo. Divaldo Franco.

Abstract: This paper aims to present a study about the territoriality of French-Brazilian spiritism. The concept of territoriality adopted for this work was elaborated by the French intellectuals Gilles Deleuze and Felix Guattari, which can be found in the book *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. In both the authors' views, territoriality is shown as a flow vector of the concept of rhizome, concept, which is the very basis of the book's structures. Inherent to the idea of territoriality is the notion of mobility. In this paper, these concepts will be applied in the study about medium Divaldo Pereira Franco's life, who is a representative personality of the French-Brazilian spiritism and whose biographical data will be useful in order to analyze the territorial mobility of the spiritism, which was codified by Allan Kardec in France.

Keywords: Territories. Spiritism. Divaldo Franco.

Introdução

O espiritismo, enquanto doutrina sistematizada, surgiu na França com a publicação da obra *O livro dos espíritos* em 18 de abril de 1857. Assinado por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, o volume inaugura, no tempo e no espaço, um imaginário (Durand, 2012, p. 18) e um rizoma (Deleuze, Guattari, 2011) que se difundiram de maneira bastante peculiar em relação à mobilidade espacial.

Como será apresentado nas páginas subsequentes, a territorialidade espiritista e a sua espacialidade podem ser pensadas sob a perspectiva de pulsações constantes, embora estruturalmente seja comum a cristalização espaço-temporal que, em determinados

* Doutor em Letras e Linguística (UFG). ORCID 0000-0003-2161-3626 - contato: gismairteixeira@gmail.com

momentos macro-históricos, funciona como potência aglutinadora, capaz de concentrar uma massa crítica significativa de energia que, num segundo momento, é relançada à corrente, num constante fluir e refluir. Nesse contexto, a sistematização kardequiana representa o momento aglutinador.

Uma abordagem epistêmica que dá conta satisfatoriamente desse processo de pulsação da religiosidade espírita no tempo e no espaço é o das territorialidades, que são apresentadas como derivações complementares do conceito de rizoma, elaborado pelos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). A conceituação de ambos em torno do rizoma se expressa, naturalmente, no plano de uma metáfora de cunho epistemológico bastante funcional.

Como figura representacional do pulsar espírita no espaço e no tempo, traremos neste estudo um recorte biográfico em torno da personalidade de Divaldo Pereira Franco, cuja trajetória de vida ligada à doutrina de Kardec se caracteriza pelo esforço de difusão doutrinária por todo o território brasileiro e por dezenas de países de todos os continentes cartografados (Landi, 2015). Sua atuação se dá em duas frentes, a fala e a escrita. Ambas impregnadas do etos da mediunidade.

Buscaremos explorar, neste estudo, nuances metafóricas implícitas e explícitas na história de vida do conhecido médium espírita, que se mostram convergentes com as territorialidades possíveis decorrentes de suas atividades de divulgação doutrinária, buscando inferir, no âmbito rizomático da doutrina espírita, qual o índice biográfico que caracteriza o seu trabalho na expansão de uma importante vertente de religiosidade de origem europeia que se enraizou no Brasil como em nenhum outro lugar.

Como conclusão, apontaremos a correlação entre a trajetória do médium espírita e a da doutrina por ele abraçada e difundida. Isso no que diz respeito à mobilidade espacial de um e de outra sob o enfoque da noção de territorialidade de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que norteará, reiteramos, o presente estudo.

Territorialidades: matizes de uma metáfora

Em seu tratado *A metáfora viva*, Paul Ricouer (2000) discorre sobre a metáfora em uma contextualização cultural profunda e abrangente, que põe em evidência as complexidades desta figura que se apresenta enganosamente simples à primeira vista. Discorrendo sobre ela na perspectiva da sua dualidade genética entre retórica e poética, informa Ricouer (2000, p. 23): “Poesia e eloquência desenham [...] dois universos de discurso distintos. Ora, a metáfora tem um pé em cada domínio”.

A partir dessa premissa, informa ele que a metáfora “pode, quanto à estrutura, consistir apenas em uma única operação de transferência do sentido das palavras, mas, quanto à função, ela dá continuidade aos destinos distintos da eloquência e da tragédia”, para concluir que “há, portanto, uma única *estrutura* da metáfora, mas duas *funções*: uma função retórica e uma função poética” (Ricouer, 2000, p. 23).

Decorre, assim, das palavras de Paul Ricouer, que a função poética da metáfora está relacionada ao contexto em que ela é empregada no fazer artístico. No âmbito da epistemologia, porém, sua função se prenderia à retórica. Dependendo do contexto

discursivo, a fronteira entre as funções poderá ser tênue. Nesta seção, a metaforização oscilará entre o poético e o retórico na exposição discursiva, apresentando matizações próprias, num imbricamento entre a poética fílmica e a retórica filosófica e epistemológica de Deleuze e Guattari, preparatórias das considerações concernentes ao fluxo espaço-temporal da religiosidade espírita e de seu representante, objetos deste trabalho.

No artigo “A comunicação do imaginário espírita através da cinematografia pop” (Teixeira, 2017), trouxemos um estudo sobre a correlação entre o conceito de imaginário, que Gilbert Durand (2012) define como sendo o capital pensado pelo *Homo sapiens* em seu trajeto evolutivo e cultural, e a doutrina kardequiana, presentes em algumas produções de estúdios cinematográficos hollywoodianos, numa correlação a princípio insuspeita. Dentre as peças que foram abordadas naquele estudo, encontra-se o filme *Interestelar*, uma produção anglo-americana dirigida por Christopher Nolan (2014).

Interestelar (2014), a exemplo de outras produções cinematográficas como *Passageiros* (2016), constitui exemplo do que temos denominado como sendo o gênero exopoético (Teixeira, 2015), definível como toda e qualquer produção artística versando sobre a atividade humana fora do planeta Terra. O conceito de exopoética trabalha com a perspectiva da Terra como epicentro. Toda viagem espacial, real ou fictícia, que realiza um périplo a outras paragens do universo, com ou sem retorno ao nosso mundo, configurar-se-ia como um processo heraclítico de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (doravante tdr).

De maneira análoga à função poética da metáfora de tdr das viagens espaciais, o conceito de rizoma se insere vetorialmente (Deleuze, Guattari, 2011), mediante a tdr, no âmbito da função retórica da metáfora (Ricouer, 2000, p. 23). O rizoma é uma metáfora epistemológica tomada de empréstimo ao reino botânico para expressar as complexidades da teoria do conhecimento em torno de um dado fenômeno cultural. Em termos filosóficos, ele se vincularia tanto ao mobilismo heraclítico quanto ao monismo de Parmênides (Marcondes, 2010, p. 35), constituindo-se numa instigante proposta dialógica entre os princípios esposados pelos dois filósofos pré-socráticos.

Conforme os proponentes do conceito (Deleuze, Guattari, 2011), o rizoma é o uno retirado da multiplicidade, a *hecceidade* da escolástica de Duns Scot. Em *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, são expostos seis princípios constitutivos do rizoma: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania. Ao tratarem do quarto princípio, os autores (Deleuze, Guattari, 2011, p. 25) mencionam que: “Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar”.

Na sequência das considerações acerca das linhas de segmentaridade do rizoma, aduzem que há ruptura rizomática (2011, p. 25) “cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma”, concluindo sua linha de raciocínio com uma pergunta retórica que sedimenta o estrato metafórico de sua proposição epistemológica: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?” (Deleuze, Guattari, 2011, p. 25).

No contexto, pois, do que apresentam os pensadores franceses acerca do rizoma, as manifestações de religiosidade de todas as épocas, lugares e etnias podem e devem ser assumidas unitariamente como uma expressão rizomática que terá imbricada entre os seus princípios constitutivos o vetor tdr, que se conforma em uma matização metafórica sugestiva, capaz de abarcar satisfatoriamente o fenômeno cultural da religião como um todo.

A filmografia há pouco mencionada configura uma exemplificação objetiva para que se compreenda o percurso da tdr. Compreendendo todo e qualquer fenômeno sobre o qual se queira debruçar como o rizoma que no processo de transferência de sentido característico da metáfora assume o lugar do planeta, o percurso da tdr se torna apreensível no contexto da discursividade de Deleuze e Gutarri, bem como a sua projeção em um sentido metafórico.

Dessa forma, neste estudo assumimos o espiritismo sistematizado por Allan Kardec na segunda metade do século XIX como um rizoma de que passaremos a examinar o vetor de territorialidades, cujo fluxo encontra significativa contribuição na biografia do médium espírita Divaldo Pereira Franco.

A dinâmica da gênese espacial espírita

Arthur Conan Doyle (2008) relata que no século XIX o mundo foi surpreendido com uma série de fenômenos insólitos que empolgaram a classe burguesa nos principais países europeus e na América do Norte. Os acontecimentos extraordinários ficaram conhecidos como “mesas girantes”. Segundo o criador de Sherlock Holmes, tratou-se de uma invasão organizada levada a efeito pelo mundo invisível, ou mundo dos espíritos. A fenomenologia sobrenatural consistia na movimentação de objetos como mesas, cadeiras e outros de forma misteriosa.

De início, o vulgo levou as manifestações para o campo das futilidades, organizando saraus que consistiam em passatempo frívolo. Algumas pessoas, contudo, perceberam que na estranha gama de fenômenos poderia haver algo de mais sério. Dentre elas, o senhor Hipolyte León Denizard Rivail, pedagogo e educador francês, que relata seus primeiros contatos com a insólita fenomenologia numa perspectiva simpática à primeira vista – quando informado sobre ela por seu amigo Fortier em 1854 –, pois considerava que o magnetismo mesmeriano era capaz de ser o agente de tais fenômenos (Kardec, 2013a, p. 247).

Ao ser novamente informado por Fortier de que as mesas falavam, respondendo a perguntas formuladas a elas pelos magnetizadores, o professor Rivail se mostra incrédulo: “Isto, repliquei, é outra questão, acreditarei se vir e quando me for provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode se tornar sonâmbula. Até lá, permita-me achar que é história para dormir em pé” (Kardec, 2013a, p. 247).

Após essa primeira notícia, Rivail passa a frequentar reuniões em que as mesas girantes vão dando mostras cada vez mais consistentes (2013a, p. 50) de que seriam manipuladas por inteligências extracorpóreas. Atento observador e de sólida formação intelectual (Maior, 2013), registra ele sobre as primeiras reuniões mediúnicas de que participou:

Foi aí que fiz meus primeiros estudos sérios sobre o Espiritismo, mas ainda mais por observações do que por revelações. Apliquei a essa nova ciência, como tinha feito até então, o método da experimentação. Jamais criei teorias preconcebidas. Observava atentamente, comparava, deduzia as consequências, a partir dos efeitos procurava chegar às causas, pela dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, só admitindo uma explicação como válida, quando podia resolver todas as dificuldades da questão (Kardec, 2013a, p. 50).

Allan Kardec passa a interrogar as inteligências que se manifestam pelas mesas girantes, informando que aplicou aos fenômenos o método experimental, como procedera desde a juventude (2013a, p. 50): “Compreendi desde o início a gravidade da exploração que iria empreender. Antevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, [...]”. Era, em sua percepção filosófica da existência, “a solução que tinha procurado durante toda a minha vida” (2013a, p. 50).

Com o passar do tempo, o método de comunicação vai sofisticando-se cada vez mais. Logo, as inteligências extracorpóreas não mais agirão sobre objetos inanimados como mesas, cadeiras e outros, mas sim passam a atuar diretamente sobre a estrutura psíquica e orgânica dos indivíduos dotados de uma certa sensibilidade mais apurada, capazes de captar o pensamento dos seres espirituais e reproduzi-lo através da linguagem humana.

A esses indivíduos o professor Rivail denominará médiuns (Kardec, 2012a), termo de etimologia latina que designa, na cultura espírita, o indivíduo capaz de ser o intermediário entre o mundo espiritual e o físico. Sob a atuação do mundo dos espíritos, os médiuns dotados de sensibilidade mais ostensiva poderão escrever, ver e ouvir ao influxo dos espíritos. De forma metódica, o pesquisador Rivail levará questões antecipadamente preparadas para as reuniões.

Ali, ele as submeterá às inteligências incorpóreas. Um dos primeiros resultados de sua pesquisa é a de que os espíritos nada mais são do que a mesma humanidade (Kardec, 2013a, p. 50) que viveu fisicamente. Portanto, dotada dos mesmos defeitos e virtudes que os homens. Os cadernos de anotação de Denizard Rivail deram origem a *O livro dos espíritos* (2012), a obra que inaugura o espiritismo, termo que destaca a pesquisa kardequiana da nebulosa dos fenômenos conhecidos genericamente sob a rubrica de espiritualismo.

Autor de uma gramática francesa da época e poliglota (Maior, 2013), Rivail era um purista da língua e da linguagem. No prólogo de *O livro dos espíritos* (2012, p. 23), obra composta de pouco mais de mil perguntas de Kardec com as respectivas respostas dos espíritos, o autor trata de informar que para coisas novas são necessárias novas palavras. Daí a necessidade de distinguir o espiritismo do espiritualismo (Kardec, 2012, p. 23; grifo dos originais): “Em lugar das palavras *espiritual* e *espiritualismo*, empregamos para designar esta última crença, *Espírita* e *Espiritismo*, [...] Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*”.

A partir dessa publicação e dessas considerações, a doutrina espírita surge como fenômeno cultural no tempo e no espaço. A gama de fenômenos, porém, antecederam em sua constituição de corpo doutrinário. Especialmente se assemelha a uma pulsação, pois os fenômenos surgem em muitos países de forma praticamente simultânea, conforme registra Arthur Conan Doyle (2008). No desdobramento de suas atividades,

Rivail publicará mais quatro obras doutrinárias, além de ter produzido material que foi enfiado em livro após sua morte com o título de *Obras póstumas* (2013a). Além desse pentateuco, Rivail-Kardec publicaria mensalmente, até sua morte, a *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*, cuja primeira edição é de janeiro de 1858 (2004).

No conjunto desse material, o sistematizador da doutrina dos espíritos contará com a colaboração de produtos oriundos de reuniões mediúnicas espalhadas pelo mundo, sobre as quais aplicará os critérios que usara na elaboração de *O livro dos espíritos* (2012), consistindo sua prática na análise criteriosa do teor de todas as mensagens espirituais que chegavam a suas mãos. Sobre o estado inicial do espiritismo e sua presença em várias partes do mundo, escreve Kardec, no número do mês de setembro de 1858, que com o espiritismo ocorreu um fenômeno notável em sua propagação (Kardec, 2004, p. 363).

Após informar que, se para muitos o espiritismo foi objeto de diversão passageira, a multiplicidade simultânea da organização de grupos de estudos sérios em várias partes evidenciava que a doutrina espírita tinha “raízes em todas as partes do mundo” (Kardec, 2004, p. 363). E, sob essa perspectiva, “vinte assinantes espalhados em vinte países diferentes provariam mais do que cem concentrados numa só localidade, pois não poderíamos supor tratar-se de obra de uma confraria” (Kardec, 2004, p. 363).

Ao tratar do caráter da revelação espiritual propiciada pela invasão organizada a que se refere Arthur Conan Doyle (2008), escreve Allan Kardec, em *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*, que “os elementos da revelação espírita foram dados simultaneamente em uma multidão de lugares, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução” (Kardec, 2013, p. 35). Dessa forma:

[...] é bem evidente que as observações não poderiam ser feitas em todos os lugares com os mesmos resultados; que as consequências a serem tiradas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, numa palavra, a conclusão sobre a qual deveriam estabelecer as ideias, só poderiam sair do conjunto e da correlação dos fatos (Kardec, 2013, p. 35).

Ao descrever as características poliespaciais da fenomenologia e da doutrina espírita, Allan Kardec apresenta, nesse ponto, a clara percepção das influências culturais, antropológicas e sociais a que o espiritismo estava e estaria sujeito como doutrina e fenômeno cultural. Um dos espaços antropossociológicos que é registrado pelo sistematizador espírita em sua produção é o Brasil.

No mês de novembro do ano de 1865, sua revista (Kardec, 2004a) registra o protesto de nomes históricos do espiritismo brasileiro junto ao jornal *Diário da Bahia*, que traduzira artigo do francês criticando a nova doutrina. Segundo Luís Olympio Telles de Menezes, José Álvares do Amaral e Joaquim Carneiro de Campos, subscritores do protesto, o autor francês do material jornalístico deturpara os trechos de citação de *O livro dos espíritos* (Kardec, 2012).

Desses apontamentos – passíveis de serem ampliados em pesquisa mais extensa – resulta, pois, que especialmente a doutrina kardequiana parece obedecer a um movimento de pulsação em sua fenomenologia e territorialidade, o que se estende também ao trabalho do esforço humano de interpretação da massa crítica fenomênica que a constitui, conforme se pode inferir do excerto há pouco citado.

Surge, assim, em várias localidades do planeta. Em termos qualitativos, porém, é possível a constatação de sua concreção em bulbo rizomático (Deleuze, Guattari, 2011), num processo de sedimentação mais perceptível através do estabelecimento de um corpo de doutrina. Com o trabalho de Allan Kardec se tem, pois, a consolidação rizomática do espiritismo como um sistema doutrinário organizado no tempo e no espaço.

Em seu trabalho resultante das pesquisas sobre o intercâmbio entre o ser radicado na dimensão física e o seu congênere que estaria radicado numa dimensão espiritual, intitulado *O livro dos médiuns* (2012a), Kardec caracteriza a mediunidade em suas multifacetadas expressões. Em seu quadro sinótico (Kardec, 2012a, p. 197), os intermediários entre o mundo da matéria e o mundo espiritual são distribuídos em dois grandes grupos: os de efeito físico e os de efeito inteligente.

Os primeiros são os responsáveis pela intermediação em fenômenos como os das mesas girantes, movimentação e transporte de objetos e toda variedade de atuação espiritual sobre a matéria física. Os segundos são responsáveis pela parte inteligente dos fenômenos, como na psicografia e na mediunidade de fala, em que um ser extracorpóreo se comunica respectivamente pelas mãos e pelo aparelho vocal do médium. Autores que deram sequência ao trabalho de Kardec denominaram essa última modalidade mediúnica de psicofonia (Trovão, 2016).

A biografia de Divaldo Pereira Franco se insere na distribuição do quadro sinótico kardequiano de uma maneira singular, pois se caracteriza como um elo entre a distribuição dos fenômenos de efeito físico e de efeito inteligente, como se infere das informações biográficas de Landi (2015, p. 251), que situam o biografado como sendo a reencarnação de Daniel Dunglas Home, importante médium de efeitos físicos do século XIX pertencente à nebulosa espiritualista de onde o espiritismo se destacou. Dunglas Home foi um dos grandes nomes envolvidos no fenômeno das mesas girantes.

Neste estudo, porém, teremos de nos deter sobre a natureza da mediunidade intelectual do representante do espiritismo franco-brasileiro em sua trajetória na personalidade de Divaldo Pereira Franco.

Biografismo, mobilidade e rizoma

A biografia é o gênero textual que trata do relato acerca da vida de determinada personalidade. Naturalmente, o gênero possui uma grande matização performática à disposição do biógrafo. Até mesmo uma ciência para o estudo de aspectos particularíssimos da biografia surgiu a partir da concepção de biografema. Em suas anotações ensaísticas sobre três personalidades históricas distintas, intituladas *Sade, Fourier, Loyola*, o teórico da literatura Roland Barthes cria esse neologismo (1989, p. 9) que seria posteriormente incorporado ao campo da teoria literária.

Posteriormente a *Sade, Fourier, Loyola*, Barthes voltaria à noção de biografema, definindo-o, reiterativamente, em seu ensaio sob o título de *A câmara clara*, em termos remissivos à analogia passível de ser estabelecida com a fotografia (Barthes, 1984, p. 51): “[...] gosto de certos traços que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de “biografemas”; a Fotografia tem com a história a mesma relação que o biografema tem com a biografia”.

O biografema surge, pois, conceitualmente, como mais um exemplo de matização metafórica. No contexto geral da biografia, ele representa o instantâneo, a fotografia de uma particularidade biográfica muitas vezes prosaica, conforme se depreende das considerações de Roland Barthes. Neste estudo, porém, não descenderemos a especificidades biografemáticas, verdadeira especialização teórica em torno das sutilezas do gênero biográfico. Adotaremos, sim, a visão mais tradicional em torno do gênero.

Selecionamos o trabalho de uma profissional do jornalismo que buscou retratar biograficamente a personalidade espírita em análise neste artigo. Assim, em *Divaldo Franco: a trajetória de um dos maiores médiuns de todos os tempos* (2015), a jornalista e historiadora Ana Cláudia Landi apresenta descritivamente a história de vida do médium espírita Divaldo Pereira Franco. É a primeira biografia jornalística do líder espírita, que já havia sido biografado anteriormente por admiradores ligados diretamente ao espiritismo.

Segundo a autora, a ideia de escrever sobre a vida do medianeiro baiano surgiu em virtude de sua trajetória ser pouco conhecida fora do movimento espírita (Landi, 2015, p. 13). Nascido em 05 de maio de 1927 em Feira de Santana, Bahia, Divaldo Pereira Franco é o filho caçula de família numerosa (Landi, 2015). A infância foi marcada por momentos de pobreza material, numa constante luta pela sobrevivência por parte de todos os familiares, com destaque para a extrema honestidade dos genitores (Landi, 2015).

Sobre o espírita Divaldo Franco, afirma a biógrafa que tudo em relação a ele é superlativo: “Acolheu 685 órfãos, que já o presentearam com milhares de netos e bisnetos. É reconhecido como o maior médium e orador espírita contemporâneo. Proferiu aproximadamente 15 mil palestras no país e no exterior” (Landi, 2005, p. 13). Continua a autora: “Lançou quase 300 livros, que, juntos, venderam 10 milhões de exemplares. Toda a renda é doada à sua maior obra: a Mansão do Caminho, fundada há mais de 60 anos em Salvador (BA)” (2015, p. 13).

Essa trajetória superlativa tem como índice onipresente, conforme ressalta o trabalho jornalístico de Ana Landi, a mediunidade estudada e classificada por Allan Kardec em seu trabalho. Em *Divaldo Pereira Franco*, ela se manifestou de forma intensa desde a infância. Tinha visões terríveis, assombrosas, que alternavam com outras sublimes (Landi, 2015). Aos cinco anos de idade, diz à mãe que estava vendo uma senhora que dizia ser sua avó. Sua mãe não a conheceu em vida, pois a avó falecera durante o trabalho de parto. Levado a uma irmã mais velha de sua mãe, o menino descreve a senhora espiritual que afirma ser a sua avó.

A descrição é impactante (Landi, 2015, p. 15), fazendo com que a irmã reconheça em detalhe significativo a presença materna. A partir desse episódio, a mãe passou a acreditar no menino. Os demais familiares, sobretudo o pai, pensavam ser coisa do demônio, ou que o menino fosse “maluco” (Landi, 2015). Mas esse acontecimento era apenas o início da mediunidade que se estenderia por toda a vida de Franco. A biografia produzida por Ana Landi está repleta de detalhes sobre a vivência mediúnica de seu biografado.

Pela exiguidade espacial, neste estudo apresentamos recortes breves sobre essa curiosa faceta da vida de Franco. Na adolescência, cogitou tornar-se padre, na esperança de que as visões desaparecessem. O sacerdote da igreja que frequentava o orientou a aguardar

o tempo. No desespero, diria ao padre: “Sou um bom católico, bom sacristão, adoro a Igreja, faço jejum, passo a semana da Páscoa sem comer até o meio-dia. Se Deus não pode com o diabo, como eu, um garoto de 17 anos do interior, vou aguentar?” (Landi, 2015, p. 44).

O jovem pensou em se matar, na esperança de que Nossa Senhora se compadecesse e o retirasse do inferno. A sequência do episódio, contudo, é pitoresca. O padre diz ao garoto para aguardar, que poderia tratar-se de um teste de fé. Nesse momento, o adolescente diz que começou a ver o diabo adentrando a nave da igreja. O sacerdote roga para ele descrever o tihoso. Era uma mulher. Ao terminar a descrição, o sacerdote diz que não era o demônio, mas, sim, sua falecida mãe.

Num processo de mediunidade psicofônica, em que o espírito fala pelo aparelho vocal do médium, a genitora do sacerdote conversa com ele através de Divaldo Franco. Durante o transe, ele perde a consciência. Ao despertar, o padre está envolto em lágrimas. Dialogara com sua genitora, já falecida, sobre assuntos que eram da intimidade de ambos, desconhecidos do adolescente que servira de intermediário. Diz ele ao jovemzinho que sua mãe lhe afirmara que a Igreja não era o lugar do rapaz. Seu destino era outro (Landi, 2015, p. 45).

O primeiro contato com o espiritismo ocorreu quando um irmão faleceu repentinamente. Depois de algum tempo, o biografado começou a sentir algo de anormal nas pernas. O quadro evoluiu, levando-o à paralisia. Orientada por uma pessoa conhecida, Ana Franco, a mãe, levou o garoto a um centro espírita na periferia da cidade de Feira de Santana. Por segurança, Pereira Franco levou o terço católico no bolso para proteger-se do demônio. Ali, entra em transe mediúnico inconsciente, quando seu irmão falecido se manifesta através dele. Ao despertar, a mãe está em lágrimas. Conversara com o filho falecido. Novamente, fatos só conhecidos de ambos vieram à tona na conversa. Não havia dúvidas (Landi, 2015).

O garoto se recupera da paralisia milagrosamente. Ela era causada pela presença espiritual do irmão recém-falecido (Landi, 2015, pp. 50-54). A partir desse momento, cada vez mais o médium se aproxima do espiritismo sistematizado por Allan Kardec na França. Nesse início, vai ao centro por exigência materna. Mas, sempre levando o terço no bolso, indo também à missa para confessar-se. Ouvia do padre: “Vá sempre, meu filho. E me conte tudo que o diabo faz por lá” (2015, p. 54).

A primeira conferência espírita ocorreria em 1947, quando fora convidado por um já então confrade para ir a Sergipe aproveitar as férias e falar em um centro spiritista sobre as suas impressões acerca da mediunidade. Franco aceitou o convite. Dono de prodigiosa memória, decorou um texto do escritor Humberto de Campos para ilustrar sua fala. No momento da alocução, o nervosismo fez com que esquecesse tudo. Constrangido, desculpa-se com o auditório e se prepara para sentar-se.

Nesse momento, vê adentrar a alma de famoso escritor falecido, que lhe diz: “Sou Humberto de Campos, levanta-te! Para falar de Jesus, é preciso colocar-se em pé. Vamos, te ajudo. Falarei por ti” (Landi, 2015, p. 88). A biógrafa registra que Divaldo Franco falou por quase uma hora, numa verve que encantou a todos. No dia seguinte, a palestra se repetiria. Confiante de que novamente o espírito se apresentaria, não se preparou adequadamente.

No momento de iniciar a fala, percebeu que estaria sozinho. Desculpou-se com o auditório e novamente se preparou para sentar. Humberto de Campos-espírito apareceu outra vez e lhe disse que aquela era uma lição a ser aprendida: jamais confiar apenas nos espíritos para suas palestras. Daquela vez o escritor falaria novamente, em respeito ao público presente, mas a lição do esforço próprio deveria ser aprendida (Landi, 2015, p. 90).

Após a conferência em Aracaju, Sergipe, Pereira Franco começa a receber convites de todo o Estado da Bahia para conferências espíritas. Da Bahia para o Brasil, não demorou. Do Brasil para o mundo se passaram 15 anos desde a primeira conferência no estado sergipano. A primeira palestra internacional ocorreu em Buenos Aires, Argentina, no ano de 1962. Em seguida, Portugal. Do início até os dias atuais o número de países e localidades visitadas se agigantou, contando-se às dezenas, em todos os continentes (Landi, 2015).

Divaldo Pereira Franco levou o espiritismo a lugares onde jamais se ouvira falar da doutrina sistematizada pelo senhor Allan Kardec na segunda metade do século XIX. Atua o médium baiano em duas frentes: a mediunidade psicofônica e a mediunidade psicográfica. Em milhares de palestras ao longo de décadas, o fenômeno da mediunidade falante esteve presente em grande parte (Landi, 2015). Na produção escrita, a presença do mundo espiritual responde pela esmagadora maioria bibliográfica da produção de Franco.

Dos quase 300 livros psicografados, encontram-se os mais variados gêneros textuais e literários. Nomes notáveis da literatura, como Rabindranath Tagore, poeta indiano Prêmio Nobel de Literatura em 1913, o primeiro não europeu a conquistá-lo; Victor Hugo, o genial escritor do romantismo francês, reconhecido internacionalmente como um dos maiores escritores da história, que também era espírita e realizou sessões mediúnicas com as mesas girantes (Landi, 2015), são exemplos de autores consagrados que teriam voltado do além pela mediunidade do conferencista baiano.

Outra personalidade literária que escreve através das mãos de Franco, no contexto do rizoma espírita (Deleuze, Guattari, 2011), é a sua mentora Joanna de Ângelis (na cultura espírita, o espírito que guia a tarefa do médium), que, numa vida anterior, no século XVII, teria sido a sóror Juana Inés de La Cruz, importante intelectual mexicana daquele século, autora de importante produção poética estudada por autores representativos da crítica literária, como Octávio Paz, Prêmio Nobel de Literatura em 1990 (Landi, 2015).

Em *O semeador de estrelas* (1989, p. 89), biografia espírita de Divaldo Franco, Suely Caldas Schubert, também médium e amiga pessoal do biografado de Ana Landi, traz instigante informação sobre o primeiro contato mediúnicamente de Franco com o espírito do escritor francês Victor Hugo. Em abril de 1970, o médium encerrara um ciclo de palestras realizadas em Juiz de Fora, Minas Gerais. O retorno ao Rio de Janeiro foi em uma kombi. Era uma noite fria. O quebra-vento do automóvel, inadvertidamente aberto, gripara Divaldo Franco.

Em repouso no apartamento de duas amigas, durante um culto evangélico no lar de ambas, o médium vê entrar um espírito de aspecto venerando, que se apresenta a ele nestes termos:

– Eu sou Victor Hugo. Há alguns anos venho entrando em contato psíquico contigo, inspirando-te na narração de alguns fatos nas conferências, para gerar um clima de sintonia. Tenho uma tarefa a propor-te: eu gostaria de escrever dez romances através de ti (Schubert, 1989, p. 89).

Ali mesmo, com papéis improvisados, tem início a psicografia do primeiro romance da inusitada parceria, que recebeu o título de *Párias em redenção* (1987). Sobre a psicografia da obra, diz o médium a sua biógrafa espírita que durante a psicografia podia ver como em um cinema as cenas grafadas. Em uma delas, ficara ressentido com determinada personagem que cometera hediondo crime, passando a imaginar como ela seria alcançada pelas leis espirituais corretivas (Schubert, 1989, p. 88).

Ao voltar à psicografia da obra com esse estado de ânimo, recebeu a advertência do autor espiritual:

– Você não pode interferir na trama do meu livro. Essas personagens desencarnaram no século XVIII, e você está criando clichês mentais que me irão dificultar a narrativa. Por favor, não antecipe o desenvolvimento do romance.

Para minha surpresa, Victor Hugo, a partir daí, começou a escrever de uma forma que não dava o encadeamento; ele não numerava os capítulos e eu me dava conta que era, digamos, o capítulo sexto, o décimo, a segunda parte do livro, etc. Somente quando terminou a obra, que eu ia datilografar, é que me pediu que numerasse os capítulos nas folhas, a lápis, que eu grampeava e colocava num classificador, perfuradas, para facilitar a movimentação. Aí então, enquanto datilografava, já coordenado, tive a idéia de toda a trama da obra. Foi um fato muito curioso, uma grande lição para mim (Schubert, 1989, p. 88).

Ana Cláudia Landi (2015, p. 215) reproduz quase que literalmente esta informação que o médium espírita havia transmitido a Suely Caldas Schubert. A insólita narrativa de alterações na sequência utilizada por Victor Hugo-espírito para fazer com que a idiossincrasia de Franco não interferisse na narrativa é outro elemento de sua biografia que mereceria estudo especial. Na teoria da literatura, grande parte dos ângulos possíveis de uma produção literária já foi pensada.

Um dos campos de pesquisa nessa área que mais contribuição pode oferecer ao estudo desse fenômeno de escrita aleatória do Victor Hugo-espírito é o da crítica genética. Nesse campo de pesquisa, a atenção dos estudiosos se volta para a expressão material de uma determinada obra. Quanto mais acesso aos manuscritos de um escritor, mais material de reflexão em torno do fazer artístico-literário se faz possível. O *fac-símile* do material psicografado por Victor Hugo-espírito, caso não tenha sido destruído, configuraria um instigante material de pesquisa para estudos no campo da teoria da crítica genética.

Essa nota de natureza mediúnico-literária se caracteriza, portanto, como mais um índice de superlatividade da atuação de Franco, conforme a definição de Ana Landi (2015). Seja na oratória, seja na psicografia, a dimensão das atividades realizadas por Divaldo Pereira Franco no campo da religiosidade espírita brasileira de origem francesa se revela marcante.

No âmago de uma biografia tão rica, destacam-se, sem dúvida, detalhes que se esgarçam por diversas áreas possíveis de abordagem, que transcendem a espacialidade de um artigo acadêmico. O elemento biográfico da vida de Pereira Franco que funciona como pedra de toque da gigantesca atividade de que pudemos vislumbrar alguns

aspectos neste espaço responde pelo nome de mediunidade, esta estranha faculdade humana que ainda espera um olhar mais atencioso das ciências acadêmicas.

No caso do médium baiano, tem sido ela o motor que até aqui tem sustentado no tempo e no espaço a sua trajetória. Se tomada numa perspectiva rizomática, sua biografia espírita guarda uma singular correspondência com a própria sistematização do espiritismo. De uma nebulosa de fenômenos mediúnicos insólitos por natureza à assunção da doutrina como bússola orientadora de vida, o trajeto de Pereira Franco, sobretudo no que diz respeito à divulgação internacional do espiritismo, segue uma vetorização de tdr “deleuzeguattariana” que apresenta correlações significativas com a própria história do espiritismo.

O périplo que o médium baiano tem desenvolvido ao redor do planeta na difusão do espiritismo dimensiona a caracterização rizomática de sua ipseidade, sob a perspectiva vetorial de uma tdr essencialmente evocativa da própria trajetória da doutrina que ele abraça como filosofia de vida e que divulga com disciplina espartana há pouco mais de meio século.

O conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) apresenta homologias interdiscursivas instigantes com a conceituação em torno do imaginário que Gilbert Durand (2012, p. 18) apresenta em *As estruturas antropológicas do imaginário. A hecceidade* que caracteriza a concreção rizomática se justapõe à noção de capital pensado do *Homo sapiens* da definição durandiana, ampliando as possibilidades hermenêuticas em torno da infinita gama de fenômenos antropossociológicos.

Tomado tanto na acepção rizomática quanto na acepção do imaginário, o espiritismo franco-brasileiro se configura como um fenômeno cultural que se materializa no tempo e no espaço, passando então a interagir com toda expressão da cultura humana com as quais entra em contato, influenciando e sendo influenciado pelas mais diversas formatividades culturais. Seu percurso como movimento vai apresentar infinitas matizações que podem ser cartografadas no âmbito das pesquisas acadêmicas, como já tem ocorrido aqui e ali através do trabalho de pesquisadores que se detiveram sobre o rizoma espírita.

No artigo “A mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista”, o pesquisador Dr. Luiz Antonio Signates Freitas apresenta um recorte do desenvolvimento da mobilidade espírita no tempo e no espaço como movimento cuja institucionalização repercute sobre a prática da mediunidade, desde os tempos de Allan Kardec até o presente, com a migração de sua característica de função de conhecimento para uma correspondente função terapêutica (SIGNATES, 2019).

Em *O livro como missão: a publicação de textos psicografados no Brasil dos anos 1940 a 1960*, obra que resultou da tese de doutoramento em história da pesquisadora Ana Lorym Soares (2018) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é apresentado um recorte historiográfico acerca da produção do médium Francisco Cândido Xavier com o espírito André Luiz, conforme o imaginário espírita, cuja execução parece ter obedecido a meticoloso planejamento transcendental e/ou material, conforme ressalta o trabalho de Ana Soares.

Essas pesquisas representam um pequeno recorte no conjunto de uma massa crítica que já se apresenta bastante densa na caracterização da mobilidade territorial do

espiritismo franco-brasileiro, cuja dimensão cultural tem se alargado e se espreado pelas mais diversas áreas do saber humano. É nesse contexto que se insere o percurso performático cultural e biográfico de Divaldo Pereira Franco no âmbito do conceito de rizoma e sua vetorização tdr no movimento espírita, perpassando-o de maneira significativa, demandando, por isso mesmo, mais amplas pesquisas para uma caracterização cada vez mais precisa na historiografia tanto do médium quanto do movimento de espiritualidade a que se vinculou.

O conjunto bibliográfico mediúnico de Divaldo Pereira Franco, que se conta por centenas de obras; a instituição assistencial por ele fundada há mais de meio século, que já atendeu a milhares de necessitados em termos materiais e espirituais, bem como a sua performance de divulgação nacional e internacional dos postulados kardequianos, inscrevem seu nome na historiografia do espiritismo franco-brasileiro e o consolidam como um instigante objeto de pesquisa acadêmica interdisciplinar.

A sua trajetória incomum constrói, independente de juízos de valor, toda uma base para que se possa compreender hermeneuticamente o próprio movimento por ele representado e sua mobilidade territorial no tempo e no espaço, numa perspectiva que abrange as diversas disciplinas das ciências humanas.

Conclusão

A tarefa de Divaldo Pereira Franco se apresenta, conforme se pode inferir da biografia de Ana Landi, realmente, em grau superlativo. Sua trajetória no contexto do rizoma (Deleuze, Guattari, 2011) e do imaginário espírita (Durand, 2012) apresenta um imbricamento instigante no contexto do movimento de pulsação espaço-temporal da doutrina espírita codificada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido sob o pseudônimo de Allan Kardec, constituindo-se de nuances metafóricas no âmbito da tdr.

Conforme pudemos registrar anteriormente, o espiritismo surge de uma gama de fenômenos supranormais que são estudados meticulosamente por Rivail. Em *O livro dos espíritos* está a planificação geral do *corpus* doutrinário do espiritismo, que se desdobrará nas demais obras kardequianas. Proposições como a crença em Deus; a existência do mundo espiritual e seu constante intercâmbio com o mundo físico através da mediunidade explícita ou implícita; a pré-existência, a sobrevivência e a reencarnação do espírito; a evolução sem cessar do princípio inteligente do universo, constituem elementos da teórica espírita (Kardec, 2012).

A fenomenologia mediúnica apareceu de forma intensa e espacialmente espalhada no oitocentismo. Num movimento de pulsação, convergiu, fez-se rizoma doutrinário na França com a codificação espírita. De lá veio para o Brasil, onde encontrou terreno fértil a sua propagação e difusão através da vetorização tdr da proposição rizomática. Assim, com o surgimento de indivíduos dotados do dom da mediunidade ostensiva, fixou-se em terras brasileiras, fincou raízes, fez-se rizoma, que também é um tipo de raiz, para voltar a espalhar-se pelo mundo novamente.

Nesse contexto, a biografia de Divaldo Pereira Franco, marcada por um excepcional dote mediúnico, representa papel importantíssimo na mobilidade espacial pulsante

que essa forma de religiosidade humana, o espiritismo, assumiu em sua expressão na história da cultura e da religiosidade franco-brasileira.

A atuação de Pereira Franco na oratória e na escrita psicográfica – que ainda está por ser explorada em seus mais variados aspectos e implicações culturais fora do âmbito doutrinário do espiritismo –, levando a proposição espiritista para um número expressivo de cidades e países pelo Brasil e o mundo, configura uma trajetória individual que se assemelha, singularmente, à trajetória cultural da própria doutrina sistematizada pelo professor Denizard Rivail.

Referências

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. University of California Press: Los Angeles, 1989.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.
- DOYLE, Arthur Conan. *A nova revelação*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1980.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Párias em redenção (Victor Hugo, espírito)*. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1987.
- FREITAS, Luiz Antonio Signates. *A mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista*. *Caminhos*, v. 17, n. 1, Goiânia, 2019, pp. 123-141.
- INTERESTELAR. Direção: Christopher Nolan. EUA/Reino Unido. Syncopy Films/ Legendary Pictures/Lynda Obst Productions, 2014.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Sandra Regina Keppler. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.
- KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Maria Aparecida Becker. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012a.
- KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Sandra Regina Kepler. São Paulo: Editora Mundo Maior, 2013.

KARDEC, Allan. Obras póstumas. Tradução de Maria Ângela Baraldi. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2013a.

KARDEC, Allan. Revista espírita: jornal de estudos psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

KARDEC, Allan. Revista espírita: jornal de estudos psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004a.

LANDI, Ana Cláudia. Divaldo Franco: a trajetória de um dos maiores médiuns de todos os tempos. São Paulo: Bella Editora, 2015.

MAIOR, Marcel Souto. Kardec: a biografia. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

PASSAGEIROS. Direção de Morten Tyldum. LStar Capita/Village Roadshow Pictures/Original Film/Company Films/Start Motion Pictures, 2016.

RICOUER, Paul. A metáfora viva. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SCHUBERT, Suely Caldas. O semeador de estrelas. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1989.

SOARES, Ana Lorym. O livro como missão: a publicação de textos psicografados no Brasil dos anos 1940 a 1960. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018.

TEIXEIRA, G.M. A comunicação do imaginário espírita através da cinematografia pop. Caminhos, v. 15, n. 1, Goiânia, 2017, pp. 26-37.

TEIXEIRA, Gismair Martins. A exopoética de Perdido em Marte. www.aredacao.com.br, Goiânia, 09 out., 2015, s.p.

TROVÃO, Jacobson Sant'Ana. Psicofonia na obra de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 2016.

Recebido: 8 de fevereiro de 2019.

Aprovado: 28 de novembro de 2019.